

# Políticas e práticas de entextualização acerca da Feira de Acari

DANDARA OLIVEIRA

UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil

DOUGLAS FIRMINO DOS SANTOS

PUC-RJ, Rio de Janeiro, Brasil

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar disputas semióticas acerca da feira de Acari, comércio popular que era localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro que teve, em janeiro de 2024, seu funcionamento proibido por Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, que alegou que os produtos nela vendidos são originados do “crime organizado”. Motivados por tal acontecimento, analisamos um *corpus* constituído pela declaração do prefeito no X (antigo *Twitter*) sobre o fechamento da feira e excertos de entrevistas em que camelôs-ambulantes que trabalham no interior de estações de trem contestam tal declaração. Os dados foram analisados através de uma perspectiva historicizante que deu atenção a processos de circulação de textos e entextualização. As investigações desenvolvidas apontam para a reiteração de um paradigma racista e classista que remonta práticas pós-abolicionistas, dado que, a partir de seu texto, o prefeito do Rio de Janeiro reforça uma estratégia histórica de controle de massa que fortalece estereótipos, legitimando repressões truculentas, e inibindo formas de resistência e reexistência da população subalternizada. Esse contexto é expandido através de contestações, dado que camelôs-ambulantes, durante a entrevista, questionam o fechamento da feira de Acari ao avaliar e problematizar dinâmicas de poder instituídas por discursos hegemônicos. Tendo isto em vista, são traçadas relações sobre entendimentos acerca da feira de Acari que transitam em ambientes *online-offline*, chamando atenção para como se retroalimentam e competem por legitimidade. Dessa forma, os dados analisados permitem entendermos que, conforme os textos viajam e são (re)contextualizados, sentidos são afirmados, mas também contestados e desestabilizados.

**Palavras-chave:** linguística aplicada; discurso; entextualização; estereótipos.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze semiotic disputes about the Acari fair, a popular market in the North Zone of Rio de Janeiro that was banned from operating in January 2024 by Eduardo Paes, the mayor of Rio de Janeiro, who claimed that the products sold there come from “organized crime”. Motivated by this event, we analyzed a *corpus* made up of the mayor’s statement on X (formerly Twitter) about the closure of the market and excerpts from interviews in which street vendors who work inside train stations contest this statement. The data was analysed through a historicizing perspective that paid attention to processes of text circulation and entextualization. The investigations carried out point to the reiteration of a racist and classist paradigm that goes back to post-abolitionist practices, given that, from his text, the mayor of Rio de Janeiro reinforces a historical strategy of mass control that strengthens stereotypes, legitimizing truculent repression, and inhibiting forms of resistance and reexistence of the subalternized population. This context is expanded through contestations, since the street vendors, during the interview, question the closure of the Acari market by evaluating and problematizing power dynamics instituted by hegemonic discourses. With this in mind, relationships are drawn between understandings about the Acari market that circulate in online-offline environments, drawing attention to how they feed off each other and compete for legitimacy. In this way, the data analyzed allows us to understand that, as the texts travel and are (re)contextualized, meanings are affirmed, but also contested and destabilized.

**Keywords:** applied linguistics; discourse; entextualization; stereotypes.

## 1. PRÓLOGO: NOTAS DE CAMPO

30 de janeiro de 2024. São aproximadamente 13h e é terça-feira. Estou no trem embarcando rumo à estação Central do Brasil com a intenção de gerar dados para a pesquisa em desenvolvimento para a minha tese. Faço viagem na linha Azul<sup>1</sup>, observando o trabalho dos/as camelôs-ambulantes no interior dos vagões. ‘Dez chicletes por um real; pensa nas crianças’, diz um camelô-ambulante trajando uma bolsa de ombro estampada com a foto de sua família, que se dirige a um passageiro de mão erguida para o alto como um aluno em sala de aula solicitando o turno de fala ao professor. ‘Vai querer quantos, chefe?’ Não sei quantos chicletes foram vendidos, mas certamente crianças ficarão felizes mais tarde. Chegando à Central, avisto de longe um grupo de camelôs-ambulantes conversando em um ponto fixo na plataforma. Penso: ‘como posso abordá-los para fazer um convite para participarem da minha pesquisa?’ Ainda sem saber como realizar essa tarefa, visto que é minha primeira vez nessa empreitada, decido perambular por outras plataformas a fim de criar a nervura de que necessito neste momento. Dirijo-me às plataformas que dão acesso ao ramal Verde e vejo vários/as camelôs-ambulantes, que se distribuem ao longo da plataforma vendendo os mais variados tipos de mercadoria. Alguns/mas se mantêm parados/as, outros/as em movimento, mas todos/as interagindo. Após uma caminhada até o final da plataforma, considero voltar à plataforma que dá acesso à linha Azul e avisto, ainda de longe, o mesmo grupo de camelôs-ambulantes no mesmo ponto em que estavam antes. Um deles, com uma vassoura, varre a plataforma catando restos de embalagens que se encontram espalhadas pelo chão e desfazendo poças d’água formadas por sacos de gelo que derretem com o calor escaldante que faz no Rio de Janeiro. ‘Água é dois. Refri, coca, latão pra não desidratar.’ Saco dois reais da carteira, compro uma água e sigo em direção ao camelô-ambulante com a vassoura, aproveitando que se descolou do grupo por alguns instantes. ‘Com licença, desculpa atrapalhar, mas o senhor me concederia uma entrevista?’, pergunto. Seu sorriso antecede suas palavras: ‘claro que sim’. Explico que estou desenvolvendo um trabalho sobre os camelôs-ambulantes que trabalham ali e pergunto se ele pode me falar sobre como é seu dia a dia na estação e como começou a trabalhar naquele lugar. Ele então mobiliza algumas narrativas sobre seu cotidiano e o que o levou a trabalhar como camelô-ambulante nas estações de trem. Empolgado, pergunto olhando para os lados: ‘será que mais alguém topa participar?’ Mal termino a frase e ele já está convocando um camelô-ambulante amigo para participar da pesquisa. Um se torna dois, dois, três... ‘É sobre o que a pesquisa?’, um deles pergunta, a que respondo: ‘é sobre o trabalho de vocês aqui’. ‘Então grava’. Início a gravação em meio aos camelôs-ambulantes. Entre falas que se sobrepõem, uma voz toma conta do ambiente: ‘como é que pode fechar a feira de Acari e o Planalto e o Supremo aberto?’ Nesse momento, me dou conta de que o trabalho dessas pessoas é mais do que uma forma de fazer dinheiro e levar o sustento para casa: é uma forma de fazer política (SANTOS, 2024).

## 2. A FEIRA DE ACARI

O trecho do diário de campo de Douglas, produzido a partir de notas tomadas durante sua primeira observação participante em trens (SANTOS, trabalho em desenvolvimento), foi o que motivou a escrita deste trabalho. Isso, pois, a partir das interações relatadas, pudemos visualizar “[...] o caráter dinâmico com

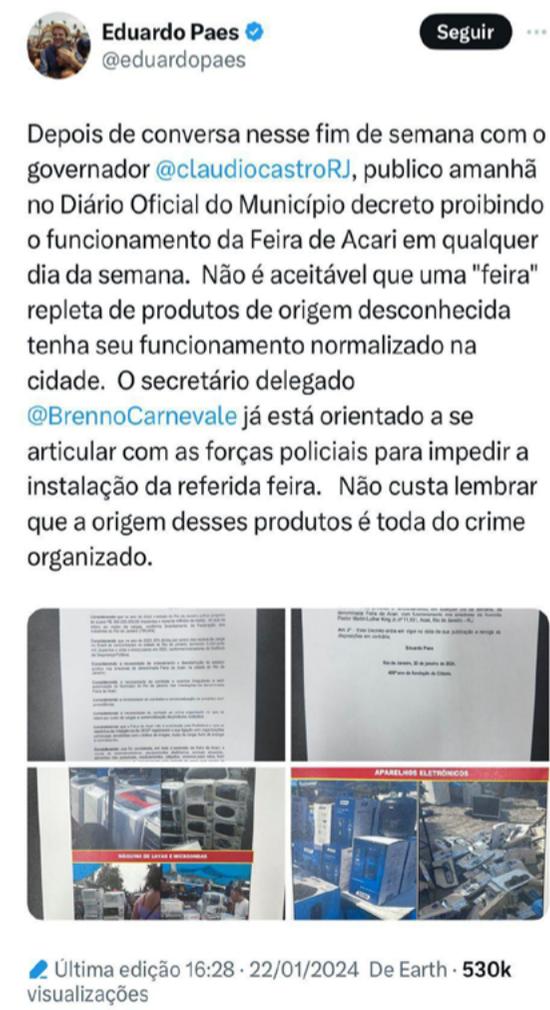
1 Os nomes das linhas foram alterados para nomes de cores neste trabalho a fim de preservar a identidade dos trabalhadores aqui mencionados.

que identidades são trabalhadas por participantes de uma interação mediada pelo uso da linguagem” (ALMEIDA, 2020, p. 246) e também testemunhar como textos são postos em circulação para contestar jogos de poder vigentes na sociedade brasileira. Sendo assim, optamos por tomar a feira de Acari como lócus de produção deste trabalho por considerarmos a feira um exemplo metonímico de alvos de uma série de práticas de criminalização de certos espaços e, também, de certos tipos de trabalho. Nossa intenção é focar na multiplicidade de significados que podem gerar diversos entendimentos sobre essa feira.

A feira de Acari localizava-se em Acari, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, e ficou popularmente conhecida pela variedade de produtos comercializados abaixo do valor estipulado pelo grande mercado. Em virtude disso, a feira de Acari foi tema de músicas de Jorge Ben Jor, Zeca Pagodinho e de Mc Batata e DJ Marlboro. A última, um funk, foi um dos primeiros sucessos desse gênero musical e virou trilha sonora de novela na década de 90, algo, até então, inédito. Narrada em primeira pessoa, a letra descreve a feira, que funcionava aos domingos desde 1970, através de exemplos que ilustram como os preços de certos produtos eram mais acessíveis nesse local. Apesar de ser uma forma de comércio consolidada há mais de 50 anos, em 2024, a feira de Acari foi proibida pelo governo.

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (2024a), em 22 de janeiro de 2024, decreta o fim da feira e posta em sua conta do X, antigo *Twitter*, uma justificativa para tal, alegando que a feira se tratava de um comércio ilegal.

**Imagem 1** ■ Publicação de Eduardo Paes no X (antigo *Twitter*)



Fonte: PAES, 2024a

A fala do prefeito remonta discursos sedimentados na sociedade e, para que seja possível entender como isso se dá, é preciso mobilizar alguns pontos da história carioca. De acordo com Luiz Antonio Simas (2019, p. 86), estão vigentes, na cidade do Rio de Janeiro, diversas estratégias de controle de massa e, por consequência, os subalternizados inventam cotidianamente espaços de lazer, sobrevivência e sociabilidade para contorná-las. Corroborando essa afirmativa, Victor Lima (2020) pontua que o controle da massa pobre é uma preocupação das autoridades políticas desde o fim do regime escravocrata e, por isso, diversas intervenções marginalizavam e criminalizavam essa parcela da população e todas as suas atividades autônomas no período pós-Abolição. Lima prossegue afirmando que, visando garantir a necessidade de uma repressão truculenta que inibe formas de resistência e reexistência, a mídia hegemônica disseminava informações que convenciam a população da criminalidade dos pequenos comerciantes e camelôs. Na atualidade, tal panorama segue vigente com “[...] ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, [...] estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente” (QUIJANO, 2005, p. 118).

Ao analisarmos linguisticamente e antropologicamente as relações de poder estabelecidas pelo texto de Eduardo Paes, é notável que, através de “links indexicais indiretos que vinculam determinada estrutura linguística a certo sentido social contextualmente” (BORBA, 2020, p. 30) – ou seja, de discursos que apontam para outros discursos já proferidos –, o post reforça um panorama hegemônico estabelecido pelos discursos classistas e racistas que circulam na sociedade carioca. O uso das aspas no post de Eduardo Paes para se referir à feira é um recurso semiótico que produz um significado regulador, pois descaracteriza o comércio existente em Acari como uma feira, sendo uma outra coisa, uma contraposição negativa e não nomeada. Assim, está em circulação no tuíte do prefeito do Rio de Janeiro um texto que condena toda a feira como produto de um crime. É preciso salientar que, se os produtos nela comercializados são oriundos de “crime organizado”, quem nela trabalha e dela consome é parte de uma estrutura criminosa, que deve ser combatida. Dessa forma, a criminalidade é colocada em movimento como característica constituinte da feira de Acari, indexicalizando persistentes discursos acerca de subalternizados e, assim, naturalizando uma repressão a feirantes e camelôs enquanto medida de segurança para a população.

É interessante pontuarmos que, no funk de Mc Batata e Dj Marlboro sobre a feira de Acari, o local já era tratado como diverso – com “gente boa/e malandro adoidado”, como salienta o porta-voz da canção –, dando vista às fissuras que são características de muitas áreas do território carioca, dado que o tráfico e o crime organizado estão, de fato, imbricados à realidade social da cidade. No entanto, a generalização do crime organizado utilizada no post do prefeito é um recurso que reforça estereótipos nocivos acerca de quem frequenta e trabalha em Acari. De acordo com Homi Bhabha (1998, p. 117), “[o] estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação”. Essa fixidez nega o jogo da diferença, garantindo a circulação de apenas um sentido possível que ganha força através da repetição e do trabalho semiótico que a subjaz (SILVERSTEIN; URBAN, 1996).

Sabemos, contudo, que é através da contestação que supostas verdades podem ser desestabilizadas e resistências organizadas. Foi assim que tanto o pronunciamento de Eduardo Paes quanto o fechamento da feira de Acari tiveram diversas respostas *online* e *offline*. Na rede social X, usuários afirmam em comentários à postagem feita por Eduardo Paes que outras feiras da cidade deveriam ser fechadas também, seguindo o parâmetro estabelecido no post do prefeito, mas que o alvo da prefeitura é sempre bairros pobres. Logo,

vemos a denúncia da criminalização de espaços de lazer e troca em áreas subalternizadas da cidade. Em Acari, no primeiro domingo após a proibição, feirantes e moradores se reuniram em protesto. Como aponta o jornal A Nova Democracia (2024), apesar dos trabalhadores serem tratados como criminosos, a maioria é regulamentada, o que se contrapõe ao que está sendo veiculado no post de Paes. Sendo assim, percebemos que o estereótipo difundido pelo poder normativo está sendo contestado pela população e pela mídia não hegemônica.

### 3. POLÍTICAS E PRÁTICAS DE ENTEXTUALIZAÇÃO ACERCA DA FEIRA DE ACARI

O texto de Eduardo Paes foi expandido, sendo, então, entextualizado. De acordo com Bauman e Briggs (2006 [1990], p. 206), entextualização “é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção lingüística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional”. Através desse processo, camelôs-ambulantes que trabalham na Central do Brasil, uma estação de trem do Rio de Janeiro, discutiram a publicação feita pelo prefeito, como veremos nos excertos abaixo, que são parte de uma gravação de áudio feita na tarde de 30 de janeiro de 2024 durante trabalho de cunho etnográfico realizado por Douglas, um dos autores deste texto, para sua pesquisa de doutorado em desenvolvimento, submetida à avaliação da Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) sob o registro de protocolo número 88-2024<sup>2</sup>:

**Quadro 1** ■ Primeiro trecho de interação entre Douglas e os camelôs-ambulantes

| Excerto 01 |           |   |
|------------|-----------|---|
| 01         | Camelô 01 | como é que pode fechar a feira de Acari e o planalto e o supremo aberto?          |
| 02         |           | hh ((todos riem))   |
| 03         |           | como é que pode?  |
| 04         | Camelô 01 | [ ( ) filmar, caralho, tá gravando?   |
| 05         | Camelô 02 | tá gravando.  |
| 06         | Douglas   | ( )   |
| 07         | Camelô 02 | como é que pode <u>isso</u> ? fechar, os caras de colarinho roubando absurdo, um- |
| 08         | Camelô 01 | um presidente que foi LADRÃO e vai fechar, não tô entendendo, que país é          |
| 09         |           | esse?   |
| 10         |           |   |

Fonte: Produzido pelos autores

O áudio foi gravado com o consentimento dos participantes em uma das plataformas da estação Central do Brasil durante um momento de descontração em que alguns camelôs-ambulantes que trabalham no local estavam reunidos conversando sobre suas rotinas de trabalho. Em um momento, o Camelô 01, que teve o nome omitido por questões éticas, adentra a interação questionando, em voz alta, o fechamento da feira de Acari (Excerto 01), colocando em xeque a autoridade do governo em fechar a feira ao estabelecer

<sup>2</sup> A pesquisa está de acordo com os termos de ética em pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro bem como a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, e a Resolução 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe acerca das normas aplicáveis à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais em nosso país.

comparações com instituições públicas (Planalto e Supremo Tribunal Federal, doravante STF). O embate discursivo em jogo no Excerto 01 parece equilibrar uma disputa que, em certas trajetórias e contextos, por conta de tentativas de apagamento das vozes dos marginalizados, pode ser impossível de acontecer.

Além disso, a contextualização feita pelo Camelô 01 (linhas 01 e 02) nos permite entender a feira de Acari como um lugar estereotipado por textos como o do prefeito Eduardo Paes postado no X. O emprego do gerúndio no verbo roubar (linha 09), intensificado pelo advérbio “absurdo” e subjetivado por “os cara de colarinho” (linhas 08 e 09), que representa a classe política, aponta para a construção de uma ação criminosa repetidamente praticada: a corrupção. Dessa forma, o camelô-ambulante contesta o panorama instituído pelo poder normativo ao dar a entender que o espaço em que a corrupção faz casa não é a feira de Acari, mas sim o Planalto e o STF. A construção semiótica feita pelo Camelô 01 mobiliza signos e organiza uma estrutura sintática que põe em circulação significados que se distanciam de um discurso hegemônico que caracteriza quem é o ladrão em nossa sociedade. Sendo assim, a interação apresentada no Excerto 01 contesta a criminalização da feira de Acari feita por Paes, visto que os camelôs-ambulantes desestabilizam estereótipos socialmente consolidados sobre as áreas marginalizadas ao questionarem o não fechamento de locais que concentram signos de branquitude e criminalidade. Ou seja, as dinâmicas de poder estabelecidas pelos discursos hegemônicos vigentes na sociedade contemporânea estão sendo avaliadas e problematizadas.

#### 4. REFLEXÕES FINAIS

A partir da análise aqui feita, foram traçadas relações sobre entendimentos acerca da feira de Acari que transitam em ambientes interacionais *online-offline*, chamando atenção para como se retroalimentam e competem por legitimidade. O tuíte de Eduardo Paes reverbera uma autoridade discursiva que estabelece o funcionamento e o não funcionamento de certos estabelecimentos e resvala critérios de licitude sedimentados em nossa sociedade que costumam condenar parcelas específicas da população brasileira em virtude dos estereótipos que propaga, como pontuado abaixo por outro camelô-ambulante em um trecho posterior à interação apresentada no Excerto 01:

**Quadro 2** ■ Fala de camelô-ambulante acerca da feira de Acari

| Excerto 2 |          |   |
|-----------|----------|---|
| 01        | Camelô 2 | pô, mas a feira de Acari tem muito trabalhador também, mano. tá ligado? é, tipo assim, é- sempre quem paga é o camelô de bem. |
| 02        |          |   |
| 03        |          |   |

Fonte: Produzido pelos autores

A fala do Camelô 2 também contesta o panorama estabelecido pelo poder estrutural, apontando que discursos como os veiculados pelo prefeito apagam a possibilidade de feirantes, camelôs e demais trabalhadores que atuam na feira de Acari serem vistos, de fato, como trabalhadores. A postagem de Paes regula, então, entendimentos não só sobre pessoas, mas categorias sociais como trabalho, dado que se quem está na feira é criminoso, na feira de Acari não se trabalha, praticam-se atos de criminalidade. Nesse

sentido, a fala do prefeito do Rio de Janeiro naturaliza a repressão do trabalhador da feira, corroborando para o entendimento de atos de violência enquanto medidas de proteção e cuidado do povo.

Como sabemos, todo contexto é ideologicamente atravessado, logo, permeado por relações de poder. Para que a feira fosse entendida como um índice de criminalidade, seus componentes foram trabalhados como setas que apontam para uma conjectura do tipo: o preço baixo se justifica por uma origem ilícita dos produtos comercializados na feira que relaciona vendedor a bandido e consumidor a cúmplice. Só é possível competir com essa força a partir dela mesma, valendo-se dos seus poderes para reorganizar a ordem discursiva subjacente. Entendemos que foi este o trabalho realizado pelos camelôs-ambulantes, que tentaram desassociar seu trabalho e a acessibilidade do pobre a certos produtos de práticas consideradas ilegais. Sendo assim, há um exercício de (re)ordenamento indexical por parte dos camelôs-ambulantes que significa a feira de Acari enquanto um espaço de garantia de emancipação financeira para pessoas economicamente desfavorecidas. Nessa tensão, há uma disputa semiótica que cria contextos para o imaginário social que dispersam sentidos sobre (in)justiça social. Dessa forma, os dados analisados permitem entendermos que, conforme os textos viajam e são (re)contextualizados, sentidos são afirmados, mas também contestados e desestabilizados.

Consideramos importante realizar este trabalho reflexivo pois diversos espaços que garantem o sustento de trabalhadores autônomos, como feirantes e camelôs, estão sendo ceifados com base em uma justificativa, a nosso ver, injusta: a criminalidade. Parece não haver a mobilização de nenhum outro recurso de remanejamento ou de garantia de exercício da profissão por parte de Eduardo Paes, apenas a condenação por estereótipos, que endossa, além de estigmas, situações de vulnerabilidade socioeconômica. O prefeito (PAES, 2024b), inclusive, retornou ao X (*Twitter*) para fazer o anúncio de um novo alvo: a Uruguaiana (Imagem 2).

**Imagem 2** ■ Publicação de Eduardo Paes sobre a Uruguaiana no X (antigo *Twitter*)



Fonte: PAES, 2024b

Nesse sentido, entendemos que entextualizar é uma política que dita o direito de ter controle sobre a projeção de significados na prática, pois contextualizar é uma forma de gerir uma economia do significado, que se dá por meio de projeções indexicais, visto que “todo o discurso está sempre centrado, de alguma forma, isto é, dependente de ligações indexicais ao contexto” (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 17). O exercício de (re)ordenamento indexical, ou seja, de multidirecionar as possibilidades referenciais de sentido, é comum a toda interação, logo, subjaz toda e qualquer prática comunicativa e pode ser um recurso perigoso — é importante ter consciência disso.

Os textos de Eduardo Paes indexicalizam discursos e noções sedimentadas na sociedade carioca, projetando incessantemente noções de criminalidade às feiras e camelódromos do Rio de Janeiro e, assim, entextualizado significados que alimentam uma guerra contra feirantes e camelôs que parece obliterar a possibilidade de ações sociais mais harmônicas emergirem – não se pode esquecer que a feira de Acari foi fechada logo após enchentes que afetaram o bairro, deixando milhares de pessoas que dependiam do trabalho na feira para reaver a perda dos bens perdidos com a tragédia. Vê-se, portanto, que o trabalhador autônomo está sendo apagado da cidade, até que desapareça. E esse extermínio está intrinsecamente relacionado ao discurso. É preciso que estejamos atentos a isso.

## REFERÊNCIAS

- A NOVA DEMOCRACIA. **RJ: Feirantes protestam contra criminalização da Feira de Acari.** 2024. Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/rj-feirantes-protestam-contracriminalizacao-da-feira-de-acari/>>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- ALMEIDA, Alexandre do Nascimento. (Re)fazendo a tradição, (des)construindo gênero: aproximações entre análise da conversa e linguística *queer*. In: BORBA, Rodrigo (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer.** São Paulo: Cortez, 2020. p. 243-280.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução: Vânia Z. Barroso. **ILHA**, Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 8, n. 1-2, p. 185-229, 2006 [1990].
- BHABHA, Homi. A outra questão. O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte, EdUFMG, 1998. p. 105-128.
- BORBA, Rodrigo. Introdução – Linguística *queer*, algumas desorientações. In: BORBA, Rodrigo (Org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer.** São Paulo: Cortez, 2020. p. 9-45.
- LIMA, Victor Henrique Guimarães. Do “espetáculo constrangedor” ao “rapa”: imprensa, naturalização da repressão e a construção da figura do camelô no imaginário carioca. **Temporalidades**, Revista de História, ed. 32, n. 1, v. 12, p. 173-200, jan.-abr. 2020.
- PAES, Eduardo. **Depois de conversa nesse fim de semana com o governador @claudiocastroRJ [...].** 22 jan. 2024. Twitter: @eduardopaes, 2024a. Disponível em: <<https://x.com/eduardopaes/status/1749514511063699860?s=48>>. Acesso em: 06 mar. 2024.
- PAES, Eduardo. **Conversei com o Governador @claudiocastroRJ e tomamos a decisão de [...].** 28 fev. 2024. Twitter: @eduardopaes, 2024b. Disponível em: <<https://x.com/eduardopaes/status/1762864283119993046?s=48>>. Acesso em: 06 mar. 2024.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.
- SANTOS, Douglas Firmino dos. **Diário de campo: exercício de cunho etnográfico.** Rio de Janeiro: [s.l.], 2024.
- SANTOS, Douglas Firmino dos. **Coletivização de experiências de trabalho: (sobre)vivências de camelôs-ambulantes nos trens urbanos do Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Trabalho em desenvolvimento.
- SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Gregg (Orgs.). **Natural histories of discourse.** Chicago: The University of Chicago Press, 1996.
- SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.